

PELO ESTRANGEIRO

Já foi dominado o movimento militar em Espanha

Mas a situação ainda apresenta gravidade

PARIS, 7.—As comunicações telegráficas, internas e externas, encontram-se suspensas na Espanha.

O movimento parece ter atingido todos os regimentos de artilharia.

As tropas cercaram os quartéis de artilharia de Barcelona, parecendo que os sitiados fizeram algumas mortes, apontando os canhões.

Apenas elementos militares estão metidos nos acontecimentos.—(H.).

O conflito está solucionado

MADRID, 7.—Informações da última hora do ministério da Guerra, dão o conflito com os artilheiros como completamente solucionado.—(H.).

Um chefe político em vigeiatura

BIARRITZ, 7.—Chegou a esta cidade Melquides Alvarez, chefe do partido republicano espanhol.—(H.).

Nenhum revoltoso passou a fronteira

PERPIGNAN, 7.—Não se confirma a notícia de que alguns oficiais espanhóis que provocaram o movimento de artilharia tenham transposto a fronteira em Cerbère.

Uma tardia versão dos acontecimentos

MADRID, 7.—Tendo o Sóberano mantido a sua confiança no general Primo de Rivera, o movimento militar, principalmente desencadeado em Cádiz e Barcelona, assegurou-se momentaneamente, sendo efectuadas numerosíssimas prisões, que foram até à do general Saro, director da artilharia. Em Segovia deu-se um combate entre artilharia e infantaria, do qual resultaram vários mortos e feridos, renascendo a calma no resto do país. Não se confirma que os oficiais revoltosos de Barcelona tenham conseguido atravessar a fronteira e fugir para França. O movimento era nitidamente a favor do almirante Marqués de Magaz, embaixador junto do Vaticano e ex-vice presidente do Directório Militar.—(L.).

A guerra civil na China

O papão inglês já meteu medo

LONDRES, 7.—Notícias recebidas de Cantão comunicam ter cessado por completo o ataque dos grevistas aos navios estrangeiros, desde que os navios de guerra ingleses entraram em actividade. Os barcos dos grevistas desapareceram por completo sem que os barcos ingleses tenham disparado um só tiro. Nas margens do Yang-Tse deram-se alguns combates entre as guarnições do navio de guerra *Cook-Chaffer* e auxiliar *Kiawo*, e os chineses que se encontravam em terra, dos quais resultaram algumas baixas.—(L.).

Nada de companhias que comprometam

LONDRES, 7.—Informa a Agência Reuter de que o governador militar de Xangai rejeitou todas as ofertas de aliança das tropas de Cantão, declarando-se absolutamente oposto ao comunismo e ao bolchevismo.—(L.).

Dois grandes desastres

Trinta mortos num cinema

LONDRES, 7.—No incêndio do cinema de Drumcollegher, na Irlanda, morreram 30 rapazes.—(L.).

Quinze mortos em caminho de ferro

DENVER (COLORADO), 7.—O comboio de Salt Lake City a Iova descarrilou, causando 15 mortos e 50 feridos, dos quais 25 em estado bastante grave.—(L.).

CAMINHOS DE FERRO

Uma questão de interesse colectivo

Precisamente com o objectivo de fugir aos encargos, sempre onerosos e pesados, é que o Estado recorre às concessões a particulares na construção de vias férreas, concessões que continuam para efeitos de exploração.

Como pode pois uma empresa particular arcar com os honoriossíssimos encargos da exploração de duas redes ou dum só que seja, se neste momento o que necessitamos é de um sistema de financiamento que eleve a sua capacidade de exploração técnica e industrial até ao nível da importância que a função social de qualquer das tem para o país? Julgamos que nenhum empreendimento se abalançaria a uma tão louca tentativa, sem que o Estado lhe garantisse condições de estabilidade financeira tão grandes que sobre elas essa empresa possa erguer o formidável crédito de que carece, para dentro de alguns anos—e não serão poucos—poder assegurar o rendimento ao capital empregado desde já, desviando para um campo de probabilidades muito secundárias, as amortizações ao Estado, a que se obriga pelo contrato. Ora tendo o Estado de se privar do usofruto da sua rede ferroviária e ao mesmo tempo tendo de ficar com os encargos até agora existentes e mais com os que vão resultar do arrendamento, pela protecção e garantias que é forçado a dar ao capital da empresa adjudicatária, o que fôr cedo o não livra de dispêndios constantes sem qualquer compensação. O Estado não tem outro caminho a seguir senão o de manter o Sul e Sueste, e o Minho e Douro na sua posse, confiando a administração das duas redes, a quem tecnicamente saiba dirigir, organizar e administrar. O financiamento dos Caminhos de Ferro do Estado, feito pelo próprio Estado, em condições de segurança futura, seria o único meio de fazer terminar o déficit existente, liquidando todas as divisas e renovando todo o material que fôsse preciso substituir, levando todos os projectos de construção a efeito e imprimindo assim, com novos e poderosos elementos materiais, uma ação de revigoramento aos Caminhos de Ferro do Estado.

Tinha-se em vista que o Minho e Douro possuía hoje muito material novo, que tem em seu poder elementos de ação técnica muito importantes e que por isso com facilidade acharia um equilíbrio compensador a todos os esforços de ordem material e financeira que ali fôssem empregados.

Por sua vez, considere-se que o Sul e Sueste é hoje, em extenso, a maior rede do país e que o projecto das suas novas linhas gerais e a quantidade de magníficas ferramentas que possui, são uma garantia dum futuro desenvolvimento industrial, pois que essas oficinas destinam-se a ter a capacidade técnica necessária para construir vagões de todos os tipos e carros gerais de todas as séries, além de assegurarem as grandes reparações nas locomotivas e por consequência realizarem uma grande economia, evitando que essas reparações se façam no estrangeiro. O material circulante do Sul e Sueste é também óptimo e já em grande quantidade e o de tracção, especialmente o novo, é constituído por possantes locomotivas que arrastam pesos combóios e que amanhã realizarão o grande problema da aceleração do trângulo de passageiros e mercadorias no Sul do país logo que as condições da via o permitam.

Tem, pois, o Estado nas suas linhas todos os elementos de que uma empresa carece para as explorar. Falta-lhe o que qualquer empresa também não possui—o dinheiro. Mas, se em qualquer dos casos o Estado é que tem de dar as garantias necessárias para que o financiamento se faça, ficando sempre com o encargo, julgamos que o interesse colectivo exige que o Estado não entregue a particulares aquilo que melhorão que elas, e com mais vantagem para o povo, uma administração sujeita a poder realizar.

— No cinema «Tivoli», do Porto, estrearam-se na passada segunda-feira, com um grande êxito, as interessantíssimas artistas francesas Soeurs Dumaine, duas bailarinas modernas e de grande valor.

Conagradas pelas primeiras plateias da Europa, a passagem das Soeurs Dumaine pelo «Tivoli» ficará marcada como um acontecimento de pura arte.

— O grande acontecimento teatral da época decorrente continua sendo ainda a peça do Nacional, a linda e encantadora comédia «Se eu quisesse...», cujo sucesso é indizível.

Mas, o que é necessário acentuar, o que se torna preciso dizer, sem receio de desmentido, é que se dentro do actual teatro da Casa de Garrett não estivessem os três valores artísticos que se representam nas pessoas de Ilda Stichini, Alexandre de Azevedo e Raúl de Carvalho, que são hoje três verdadeiras notabilidades do teatro declarado, não seria talvez possível que tanto esta peça como a sua antecessora «Os Filhos» obtivessem tanto brilhantismo, nem uma interpretação tão perfeita e sublime como tiveram.

— Afinal, não custa nada dizer a verdade, e esta é a verdade pura.

TIVOLI

TELEFONE N. 5474
AS 21 HORAS

O GAVIÃO

Aba comédia, em cito partes, extraída da famosa peça de *FRANCIS DE CROSET*, com *Ilha de Blessis* e *Silvio de Petrelli*.

O Rei do Volante

Film de sport e de aventura, em cinco partes, com *Reed Howes* e *Malvado Harris*.

Uma comédia

Um documentário

A manhã—Matinée às 3 horas

TEATROS

As centenas de pessoas que já estiveram no Eden Teatro, apreciando a revista «Casa de Morangos», veem ainda reforçar as opiniões dos escritores Avelino de Almeida, Brito Aranha e Artur Portela, que já extratimaram.

E a estas reuniões, ainda, Matos Sequeira, que diz «así o «Cabaçaz de Morangos» dos velhos moldes» e ser escrita em belos versos e com musicinha portuguesa, dessa que estraliza nos ouvidos, encorada de melodias populares.

Não faltam nos elogios dos jornais os louvores à revista do Eden. Ainda muitos outros a elogiam também, como demonstramos. O que fica, porém, desde já assente, é que nenhuma peça, do género, nos últimos tempos, foi tão carinhosamente acolhida. Isto é um facto sem refutação, e factos são... factos.

— Representada pela Companhia Cremilda de Oliveira, foi ontem à cena, no Gimnásio, uma comédia que é uma fábrica de gargalhadas, na feliz adaptação de Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos, subordinada ao título «A Mosca de Milão». As cenas sucedem-se num recrudescimento de interesse e graça, que vai até ao final da comédia, tem linda música dos maestros Wenceslau Pinto e Rafael Gomes. Cremilda fez com toda a desenvoltura e graça, o papel que lhe pertence em «A Mosca de Milão».

E verdadeiramente brilhante o seu trabalho. Adelina Abrantes, sempre grande, apresentou um tipo admirável e desplumíssimo. Sales Ribeiro muito à vontade, representando e cantando bem. Tomás Vieira e Sacramento deram aos seus papéis toda a feição cómica que eles exigem. Há, ainda, a notar, com elogio, a interpretação de Justina de Magalhães, Jorge Gentil e os outros seus colegas que concorrem para o excelente conjunto do desempenho de «A Mosca de Milão», que obteve agrado geral e hoje se repete, no Gimnásio.

— Despede-se hoje do público do Foz que a tem aplaudido delirantemente, todas as tardes e todas as noites, a formosa e castiza bailarina espanhola Clárita Carbonell.

Continua em pleno sucesso a formosa comédia Júlia de Ysla, nos seus cantares espanhóis e nos seus admiráveis «couplets», dos quais merecem especial referência o «Volvers» e o «Frichti mia».

— Amanhã estreia-se a cançoneteira bailarina espanhola Fabiola, que vai certamente obter sucessivos êxitos.

— No cinema «Tivoli», do Porto, estrearam-se na passada segunda-feira, com um grande êxito, as interessantíssimas artistas francesas Soeurs Dumaine, duas bailarinas modernas e de grande valor.

Conagradas pelas primeiras plateias da Europa, a passagem das Soeurs Dumaine pelo «Tivoli» ficará marcada como um acontecimento de pura arte.

— O grande acontecimento teatral da época decorrente continua sendo ainda a peça do Nacional, a linda e encantadora comédia «Se eu quisesse...», cujo sucesso é indizível.

Mas, o que é necessário acentuar, o que se torna preciso dizer, sem receio de desmentido, é que se dentro do actual teatro da Casa de Garrett não estivessem os três valores artísticos que se representam nas pessoas de Ilda Stichini, Alexandre de Azevedo e Raúl de Carvalho, que são hoje três verdadeiras notabilidades do teatro declarado, não seria talvez possível que tanto esta peça como a sua antecessora «Os Filhos» obtivessem tanto brilhantismo, nem uma interpretação tão perfeita e sublime como tiveram.

— Afinal, não custa nada dizer a verdade, e esta é a verdade pura.

Uma atitude do ministro das Colónias

A informação que segue transcrita, poupada a prosa arrevezada, veio da Arcada:

— «A-pesar-de nas estações oficiais não nos informarem, sabemos que há dias o sr. ministro das Colónias, tendo mandado adquirir um livro por conta das colónias, reconhecendo, depois que o não podia fazer sem previamente ter consultado as mesmas se o desejavam adquirir, chamou novamente a si o processo e determinou que a quantia de frinta e um contos e setecentos e cinquenta escudos fosse descontada nos seus honorários como ministro à razão de 500 escudos mensais, e quando deixasse de ser ministro se lhe fizesse pelo máximo o respectivo desconto nos seus vencimentos como oficial da marinha, até à liquidação final da quantia acima indicada. Esta aquisição do livro foi tratada com o seu antecessor, estando para ser adquiridos dez mil exemplares, mas foram reduzidos a cinco mil, e como havia precedentes de compra de livros por conta das Colónias, por isso o sr. João Belo autorizou essa compra, mas depois, reconsiderando, viu que, como acima dizemos, só com o consentimento dos governos das Colónias é que podia realizar essa compra, e, como a importância dos livros já estivesse paga, debito-se a si próprio dessa importante quantia.»

— Trabalhador colhido por um engenho

A enfermaria de S. Sebastião do Hospital de S. José, recolheu Manuel Figueiredo, de 21 anos, trabalhador, natural de Tondela e residente em Arealva, Almada, e que quando tirava água de um poço numa propriedade de José Severo, foi colhido pelo respectivo engenho ficando ferido no rosto e óbito direito.

Pintor morto no rio

Num auto da Cruz Vermelha foi transportado ao Hospital de S. José onde recolheu à enfermaria de Sousa Martins, falecido pouco tempo depois. Francisco Rocha, de 56 anos, natural do Seixal, residente na travessa do Fiuza, 40, que, na rua do Alívio, ficou entalado entre uma carroça e a parede, ficando muito contuso no ventre e costas.

Mais donativos para as vítimas do terremoto do Faial

A Cruz Vermelha Portuguesa continua a receber donativos para as vítimas do terremoto do Faial. Os últimos recebidos por aquela agremiação foram os seguintes:

— Antecedente: 98.063\$00; D. Maria Joana Martins, 5\$00; António Ferreira Grilo, 20\$00; António, 25\$00; D. Irene Armando de Vasconcelos Pequeno Cortez, 10\$00; Soma: 98.123\$00.

A sr. D. Maria Joana Martins entregou à Cruz Vermelha um sobretnudo para ser enviado às vítimas do Faial.

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h. — Soirée às 9,15 h.

Despedida da formosa e notável bailarina Clara Carbonell

Formidável êxito da emblemática ciganetista

JULIA DE ISLA

Concerto pela magnífica orquestra de «jazz»

FOZ MELODY BAND

Preços populares

Superior, 2\$00; Plateia ou Balcão, 5\$00;

Camarotes, 15\$00; Fritas, 20\$00;

Convites, 1\$00 e 4\$00.

Festas de beneficência

a favor da Cantina Ecolar e do Lactário

da freguesia de São José

Continuam animadíssimas e com grande concorrência de público as festas em benefício dos coles destas duas instituições, que se estão realizando todas as noites no jardim da Escola Oficial n.º 29, na Avenida do Desterro, recolheu João Valente, de 48 anos, trabalhador, natural e residente em Linda-a-Velha e que ali deu uma queda, de um muro, fracturando a perna direita e ficando ferido na cabeça.

Chauffeur queimado pelo motor

No Banco do Hospital de S. José, recebeu curativo e foi para casa, Raúl do Nascimento, de 27 anos, natural de Lisboa, «chauffeur», morador no Largo das Olarias, 3, rez-do-chão, que no Rossio, tendo-se dada uma explosão no motor do seu automóvel, ficou com várias queimaduras nas mãos e rosto.

— No dia 4 de Setembro de 1926,

Lisboa, 4 de Setembro de 1926.

Pelo diretor geral da Companhia, Geraldo de Melo

Serviço especial para a Figueira da Foz, por motivo das touradas, nos dias 8, 19 e 26 de Setembro de 1926

De um motivo das touradas que se realizam na Figueira da Foz nos dias 8, 19 e 26 do corrente, os bilhetes da 3.ª da tarifa n.º 2, de grande velocidade, são válidos nos referidos dias para todos os combóios, com exceção dos rápidos.

Lisboa, 4 de Setembro de 1926.</

A BATALHA

LUTA DE CLASSES

Os pedreiros e canteiros de Vigo há mais dum mês que lutam por melhor salário

As causas da greve. — A repressão das autoridades e o recrutamento de "amarelos". — A Federação dos Trabalhadores de Vigo apela para os trabalhadores portugueses para que não vao trair o movimento

Os canteiros e pedreiros de Vigo desde o dia 2 de Agosto que se encontram em greve. O motivo deste conflito, segundo informa a Federação dos Trabalhadores de Vigo, é a recusa dos industriais em concederem o aumento de 50 centimos que os grevistas reclamaram.

Vigo, como em Lisboa, a vida atingiu um custo pavoroso. Para se fazer face às mais ingentes despesas o melhor salário é insuficiente. Por isso os canteiros e pedreiros daquela cidade galega, para solventem os encargos que a vida comporta, lancaram mão de um recurso: o aumento de salário.

Os industriais não o compreenderam assim. Todos os lucros são poucos e dão uma recusa sistemática à pretensão dos operários.

Iniciada a greve os operários procuraram organizar a resistência o que conseguiram de uma maneira admirável.

Os patrões por sua vez recorreram a todos os recursos. Primeiro foi a intriga junto das autoridades e depois foi o recrutamento de amarelos.

Com a intriga conseguiram a repressão das autoridades: encerramento da Casa do Povo; suspensão dos jornais Soli, de Gijon, Soli, de Santiago, e Despertar, de Ferrol, e prisão de alguns elementos mais ativos dos grevistas. Ao todo estão na prisão três dezenas de operários.

Com o recrutamento de amarelos os patrões conseguiram parcialmente os seus desígnios: em Portugal foram recrutados 120 operários com o falso pretexto de que havia abundância de trabalho em Vigo. Mas quando ali chegaram, estes 120 operários verificaram o truque em que tinham caído e por isso alguns voltaram para as suas localidades.

Os patrões, para vencerem a greve, conseguiram ainda que estes 120 operários recrutados passassem a fronteira sem os necessários documentos.

Com o gesto dos recrutados intensificaram-se a repressão das autoridades. Os grevistas são perseguidos como cães leprosos.

Mas não são as violências que mais incomodam os valorosos grevistas. A ida de amarelos para Vigo é neste momento o que mais preocupa aqueles lutadores.

Preocupa-os porque consideram inglória uma luta entre irmãos de trabalho de que sóaproveitam os exploradores.

A Federação dos Trabalhadores de Vigo vem de dirigir-se às centrais operárias de Portugal e França solicitando-lhes a solidariedade em favor dos grevistas. Essa solidariedade deve começar pelo recuperação a qualquer convite que seja feito para substituir os grevistas de Vigo.

Todo o trabalhador que prese a sua condição não deve aceitar tão avultante convite. Aceitar um convite desses é tornar-se cúmplice dum crime que é condenar a fome essas centenas de grevistas que lutam por um pouco de bem estar.

Que fique bem: sciente: qualque operário da construção civil — canteiro e pedreiro — não deve trair aqueles seus camaradas que la longe, em Vigo, sofrer a pressão do patronato e a repressão das autoridades.

O conflito do "Correio da Manhã"

Toda a gente que tenha acompanhado esta questão desde o dia que apareceu na imprensa a primeira nota, compreenderá que por uma forma habilidosa a respeito das factos, ericando-os de alegações que analogia têm com o assunto. O que se discutia e se pretendia averiguar sem embargos nem subterfúgios, era a questão do conflito e qual das duas partes — quadro e empresas — teria razão.

Este assunto, porém, foi protelado pela empresa, para se atirar furosumamente ao Sindicato, dizendo que nada tem feito, que é uma nulidade e que nele não se tem cura de acudir os interesses dos respectivos sindicados, de lhes criar uma «caixa de prevenção», etc. Em seu entender, no Sindicato não há humanidade.

Os todos os que mais ou menos vivem ligados aos jornais, sabem que a solidariedade que os quadros prestam aos seus componentes. Não há um único quadro em que, quando qualquer dos seus componentes deixe de trabalhar por doença, não sinta o lento decaimento dessa solidariedade a suavizá-lo as aguas cruciantes da doença.

Podíamos citar dezenas e centenas de exemplos, podíamos apresentar com factos indestrutíveis, frizantes e significativos, até onde tem chegado essa solidariedade, que não é de chegar a princípio daquela.

Os exploradores, a exemplo do que fizemos apôs a grande guerra, estão elevando a um preço exorbitante os gêneros indispensáveis à vida, enquanto que os industriais procuram reduzir os já mínguidos salários. Acontece ainda, que a crise de trabalho, em vez de se atenuar, como seria lógico e humano, se intensifica de momento a momento, aumentando desta forma a legião dos que não têm onde empregar os seus braços para conquistar o negro pão que os sustente, bem como à família. A fome vai invadindo os lares dos trabalhadores, levando-lhes, como consequência natural, a terrível enfermidade que é a tuberculose, cujos efeitos já se fazem sentir.

Pois bem: urge que os sindicatos operários entrem numa fase de grande actividade para, não só defendem as regras que usufruimos, como possivelmente conquistar outras.

A Secção Federal de Propaganda no Norte da Construção Civil dirigiu aos organismos congêneres do país o apelo que a seguir publicamos:

«No momento em que a reacção clerical procura esfarrifar as poucas regalias conquistadas pela organização operária à custa de ingentes sacrifícios, não podia este organismo federativo deixar de denunciar aos operários da indústria, por intermédio dos seus baluartes sindicais, o perigo que nos ameaça se uma forte resistência não se fizer sentir das esferas proletárias, capaz de conter a distância a onda negra de perseguições e fome que se avizinha.

Os exploradores, a exemplo do que fizemos apôs a grande guerra, estão elevando a um preço exorbitante os gêneros indispensáveis à vida, enquanto que os industriais procuram reduzir os já mínguidos salários. Acontece ainda, que a crise de trabalho, em vez de se atenuar, como seria lógico e humano, se intensifica de momento a momento, aumentando desta forma a legião dos que não têm onde empregar os seus braços para conquistar o negro pão que os sustente, bem como à família. A fome vai invadindo os lares dos trabalhadores, levando-lhes, como consequência natural, a terrível enfermidade que é a tuberculose, cujos efeitos já se fazem sentir.

Pois bem: urge que os sindicatos operários entrem numa fase de grande actividade para, não só defendem as regras que usufruimos, como possivelmente conquistar outras.

A Secção Federal, devido a vários factos, a que não é estranha a crise de trabalho, que fez afastar vários sindicatos e camarármas, bem como a lamentável exploração que ocorreu no prédio em que o Sindicato Único da Construção Civil do Porto tinha a sua sede, o que originou o encerramento do edifício e, consequentemente da secretaria desta secção, que era na mesma casa, tem estado quase sem actividade. Porém, recomposta com elementos novos, vai entrar em franca actividade. Devem, pois, todos os Sindicatos, Associações, Gremios, e mesmo camarármas isolados, manter com elas continua correspondência, na qual expõem o estudo em que se encontra a organização, a fim de se poder iniciar uma nova época de trabalhos.

Aproveitamos o ensejo para comunicar-vos que os nossos camaradas de indústria da cidade de Vigo (Espanha) vêm suscitando uma formidável greve contra

Povo: é preciso reagir contra as manobras do comércio explorador



industrialismo, para conquistarem aumento de salário. Alguns mestres da Construção Civil, do Pórtio e Guimarães, andam percorrendo o Norte aliciando operários para trairem os seus camaradas daquela cidade.

Deveis oportos, por todos os meios ao vosso alcance, impedindo que alguém vá trairem tão denodados lutadores.

Esperamos que tomeis o exposto na devida consideração e que a vossa correspondência não se faça demorar para a: Rua de Entrepedres, 33-1.º, Pórtio, Somos a desejá-vos saúde e organização. — O Secretário Geral, António Inácio Martins.

Trabalhadores de conservas

de Setúbal

SETÚBAL, 7. — Na fábrica de conservas pertencente à firma Ernest Picapone, e de que é encarregado um sobrinho daquele nome de Marzil, declararam-se em greve, devido à disposição em que este senhor está de engrossar a miséria que lava nestas cidades os operários soldadores e trabalhadores.

Na referida fábrica foi montada ultimamente uma secção mecânica de vaso, e para trabalhar com as máquinas, foram levadas pregiadas mulheres, quando este serviço pertence aos trabalhadores de fábrica que, em grande parte, andam neste momento a braços com a miséria.

A despeito também da crise de trabalho que avassalou a classe dos soldadores o sr. Marzil empregou um aprendiz a soldar as tiras, quando na referida fábrica existem soldadores interinos que estão a trabalhar com cheio uma vez acabado este ficarão outra vez sem trabalho.

Consta que o gerente Marzil deu estas ordens sem conhecimento do dono da fábrica, sr. Ernest Picapone, motivo por que as classes afectadas pela estupidez determinada vão a Lisboa entender-se com ele.

Oxalá que os operários em greve levem a bom termo a luta em que andam empinhados para que de futuro os Marzil em Setúbal abundam como os cogumelos nenhuma briume com a miséria que campa nestas localidades.

Depois da comissão ter exposto os objectivos da sua "demarca", o administrador

pediu uma lista de todos os que se encontram desempregados e declarou que ia enviar todos os esforços para que seja solucionada a crise existente na classe corticeira.

Na segunda-feira transacta foi entregue

ao administrador a lista por elas solicitada,

estando os interessados convencidos de que

isto resultará de proveitoso para a sua

situação. Por nossa parte aguardamos o resultado.

O estado actual do conflito mineiro na Inglaterra

LONDRES, 7. — Na conferência ontem realizada entre os patrões e operários mineiros, a respectiva comissão oficial e variados membros do gabinete, sob a presidência do sr. Churchill, foi debatido o problema das bases para um acordo nacional.

Os proprietários, em nome dos quais falou Evan Williams, mantiveram a sua recusa em aceitar um acordo nacional, aceitando apenas a apresentar os argumentos governamentais a favor daquele acordo, na reunião que hoje se realiza na respectiva federação patronal, afirmando, desde logo, contudo, que muito pequenas poderão ser as mudanças de opinião.

O sr. Williams frisou que os proprietários de forma alguma desejam romper com a federação dos mineiros e que estão preparados para debater as questões gerais, tais como segurança, higiene e bem estar dos trabalhadores.

Referindo-se às condições de emprego nas galerias, afirmou que só podem ser determinadas por distritos, havendo a experiência de nunca ter existido paz na indústria, sob o regime de acordos nacionais, desejando os proprietários evitar que as questões puramente industriais entrem num campo político.

O sr. Churchill frisou muito em especial que os mineiros, exprimindo o desejo de discutir as medidas para a redução do custo do trabalho, empregaram uma frase que nada exclui das negociações, pedindo, por isso, aos proprietários que se retinham em conjunto a fim de iniciarem as necessárias negociações, e que regressem à sua atitude anterior a Abril, apresentando elas prósperos um projecto de acordo nacional.

O sr. Churchill declarou que o governo nunca teria apresentado o seu projecto de lei sobre as 8 horas de trabalho, se tivesse previsto que viria a constituir um obstáculo à solução do conflito, tendo como consequência a recusa dos proprietários em negociar um acordo nacional, no qual devem ser incluídos os problemas dos salários e das horas.

O sr. Churchill esclareceu que no caso dos proprietários se recusarem a negociar um acordo nacional, o governo pode levá-los perante o tribunal industrial, que não deixaria de condená-los, visto encontrar-se em falta e assumindo o governo o seu lugar nas respectivas negociações, esperando, porém, que os proprietários vêam o problema pelo lado que deve ser encarado, pois no caso contrário seria um grande desastre, devendo ter especial interesse em que a opinião pública se não manifeste contra elas.

Referindo-se às condições de emprego nas galerias, afirmou que só podem ser determinadas por distritos, havendo a experiência de nunca ter existido paz na indústria, sob o regime de acordos nacionais, desejando os proprietários evitar que as questões puramente industriais entrem num campo político.

O sr. Churchill frisou muito em especial que os mineiros, exprimindo o desejo de discutir as medidas para a redução do custo do trabalho, empregaram uma frase que nada exclui das negociações, pedindo, por isso, aos proprietários que se retinham em conjunto a fim de iniciarem as necessárias negociações, e que regressem à sua atitude anterior a Abril, apresentando elas prósperos um projecto de acordo nacional.

O sr. Churchill declarou que o governo nunca teria apresentado o seu projecto de lei sobre as 8 horas de trabalho, se tivesse previsto que viria a constituir um obstáculo à solução do conflito, tendo como consequência a recusa dos proprietários em negociar um acordo nacional, no qual devem ser incluídos os problemas dos salários e das horas.

O sr. Churchill esclareceu que no caso dos proprietários se recusarem a negociar um acordo nacional, o governo pode levá-los perante o tribunal industrial, que não deixaria de condená-los, visto encontrar-se em falta e assumindo o governo o seu lugar nas respectivas negociações, esperando, porém, que os proprietários vêam o problema pelo lado que deve ser encarado, pois no caso contrário seria um grande desastre, devendo ter especial interesse em que a opinião pública se não manifeste contra elas.

Referindo-se às condições de emprego nas galerias, afirmou que só podem ser determinadas por distritos, havendo a experiência de nunca ter existido paz na indústria, sob o regime de acordos nacionais, desejando os proprietários evitar que as questões puramente industriais entrem num campo político.

O sr. Churchill frisou muito em especial que os mineiros, exprimindo o desejo de discutir as medidas para a redução do custo do trabalho, empregaram uma frase que nada exclui das negociações, pedindo, por isso, aos proprietários que se retinham em conjunto a fim de iniciarem as necessárias negociações, e que regressem à sua atitude anterior a Abril, apresentando elas prósperos um projecto de acordo nacional.

O sr. Churchill declarou que o governo nunca teria apresentado o seu projecto de lei sobre as 8 horas de trabalho, se tivesse previsto que viria a constituir um obstáculo à solução do conflito, tendo como consequência a recusa dos proprietários em negociar um acordo nacional, no qual devem ser incluídos os problemas dos salários e das horas.

O sr. Churchill esclareceu que no caso dos proprietários se recusarem a negociar um acordo nacional, o governo pode levá-los perante o tribunal industrial, que não deixaria de condená-los, visto encontrar-se em falta e assumindo o governo o seu lugar nas respectivas negociações, esperando, porém, que os proprietários vêam o problema pelo lado que deve ser encarado, pois no caso contrário seria um grande desastre, devendo ter especial interesse em que a opinião pública se não manifeste contra elas.

Referindo-se às condições de emprego nas galerias, afirmou que só podem ser determinadas por distritos, havendo a experiência de nunca ter existido paz na indústria, sob o regime de acordos nacionais, desejando os proprietários evitar que as questões puramente industriais entrem num campo político.

O sr. Churchill frisou muito em especial que os mineiros, exprimindo o desejo de discutir as medidas para a redução do custo do trabalho, empregaram uma frase que nada exclui das negociações, pedindo, por isso, aos proprietários que se retinham em conjunto a fim de iniciarem as necessárias negociações, e que regressem à sua atitude anterior a Abril, apresentando elas prósperos um projecto de acordo nacional.

O sr. Churchill declarou que o governo nunca teria apresentado o seu projecto de lei sobre as 8 horas de trabalho, se tivesse previsto que viria a constituir um obstáculo à solução do conflito, tendo como consequência a recusa dos proprietários em negociar um acordo nacional, no qual devem ser incluídos os problemas dos salários e das horas.

O sr. Churchill esclareceu que no caso dos proprietários se recusarem a negociar um acordo nacional, o governo pode levá-los perante o tribunal industrial, que não deixaria de condená-los, visto encontrar-se em falta e assumindo o governo o seu lugar nas respectivas negociações, esperando, porém, que os proprietários vêam o problema pelo lado que deve ser encarado, pois no caso contrário seria um grande desastre, devendo ter especial interesse em que a opinião pública se não manifeste contra elas.

Referindo-se às condições de emprego nas galerias, afirmou que só podem ser determinadas por distritos, havendo a experiência de nunca ter existido paz na indústria, sob o regime de acordos nacionais, desejando os proprietários evitar que as questões puramente industriais entrem num campo político.

O sr. Churchill frisou muito em especial que os mineiros, exprimindo o desejo de discutir as medidas para a redução do custo do trabalho, empregaram uma frase que nada exclui das negociações, pedindo, por isso, aos proprietários que se retinham em conjunto a fim de iniciarem as necessárias negociações, e que regressem à sua atitude anterior a Abril, apresentando elas prósperos um projecto de acordo nacional.

O sr. Churchill declarou que o governo nunca teria apresentado o seu projecto de lei sobre as 8 horas de trabalho, se tivesse previsto que viria a constituir um obstáculo à solução do conflito, tendo como consequência a recusa dos proprietários em negociar um acordo nacional, no qual devem ser incluídos os problemas dos salários e das horas.

O sr. Churchill esclareceu que no caso dos proprietários se recusarem a negociar um acordo nacional, o governo pode levá-los perante o tribunal industrial, que não deixaria de condená-los, visto encontrar-se em falta e assumindo o governo o seu lugar nas respectivas negociações, esperando, porém, que os proprietários vêam o problema pelo lado que deve ser encarado, pois no caso contrário seria um grande desastre, devendo ter especial interesse em que a opinião pública se não manifeste contra elas.

Referindo-se às condições de emprego nas galerias, afirmou que só podem ser determinadas por distritos, havendo a experiência de nunca ter existido paz na indústria, sob o regime de acordos nacionais, desejando os proprietários evitar que as questões puramente industriais entrem num campo político.

O sr. Churchill frisou muito em especial que os mineiros, exprimindo o desejo de discutir as medidas para a redução do custo do trabalho, empregaram uma frase que nada exclui das negociações, pedindo, por isso, aos proprietários que se retinham em conjunto a fim de iniciarem as necessárias negociações, e que regressem à sua atitude anterior a Abril, apresentando elas prósperos um projecto de acordo nacional.

O sr. Churchill declarou que o governo nunca teria apresentado o seu projecto de lei sobre as 8 horas de trabalho, se tivesse previsto que viria a constituir um obstáculo à solução do conflito, tendo como consequência a recusa